

As “montagens” do “ponto”: Da negociação do “ploque” ao “viço”

Fabício Sousa Sampaio
Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN- Natal/RN

Resumo: Na cidade de Sobral – interior do estado do Ceará – alguns jovens passaram a se “montar” e ensaiar práticas de comercialização de seus corpos. O “ponto da OAB” onde esses jovens “desciam” era constituído por rituais de entrada, estabelecimento, convivência e manipulação performática. Este artigo é um efeito da etnografia realizada no “ponto da OAB” entre os anos de 2010 a 2012 objetivando principalmente: desvelar as razões de constituição desse “ponto”, os rituais que estruturavam as sociabilidades entre as “montadas” e seus clientes, assim como os processos de “montagens” femininas articuladas nas performatividades de gênero do “ponto”. Identidade sexual e de gênero, rituais de interação, performance, fachada e heteronormatividade constituíram as principais categorias de análise.

Palavras-chave: “Ponto”. Rituais. Performance. Gênero. Identidade.

The "mounting" of the "spot": From bargain of "ploque" to the "viço"

Abstract: In the city of Sobral - in the state of Ceará - some young people began to "mount" and test marketing practices of their bodies. The "point of OAB" where these young people "down" was composed of entrance rituals, establishment, coexistence and performative handling. This article is an effect of ethnography at the "point of OAB" between the years 2010 to 2012 aiming mainly: unveil the constitution of reasons for this "point", the rituals that structured sociabilities between "mounted" and its customers, as well as the process of "assemblies" female articulated in gender performativities the "point." sexual and gender identity, interaction rituals, performance, facade and heteronormativity were the main categories of analysis.

Keywords: "Spot". Rituals. Performance. Gender. Identity.

As "montajes" el "punto": De la negociación del "ploque" a el "viço"

Resumen: En la ciudad de Sobral - en el estado de Ceará - algunos jóvenes comenzaron a "montar" y las prácticas de comercialización de pruebas de sus cuerpos. El "punto de OAB" en donde estos jóvenes "abajo" se componen de los rituales de entrada, el establecimiento, la convivencia y la manipulación performativo. Este artículo es un efecto de la etnografía en el "punto de OAB" entre los de 2010 a 2012 con el objetivo principalmente: desvelar la constitución de las razones de este "punto", los rituales que estructuraron sociabilidades entre "montado" y sus clientes, así como el proceso de "conjuntos" femenina articulado en el género performativities el "punto". la identidad sexual y de género, los rituales de interacción, el rendimiento, la fachada y la heteronormatividad fueron las principales categorías de análisis.

Palabras clave: "Punto". Rituales. Rendimiento. Género. Identidad.

Situando o “ponto”

Em 2008, na esquina de uma movimentada avenida de Sobral-Ce, alguns jovens passaram a ensaiar a prostituição. Antes disso somente existiam dois “pontos”¹ de prostituição de rua. O primeiro se localizava na saída da cidade para as regiões urbanas da Serra de Ibiapaba: Tianguá, Ubajara, São Benedito, Guaraciaba do Norte, Ibiapina e outras. E o segundo, na saída para a capital do estado cearense – Fortaleza – mais precisamente em postos de combustíveis da BR-222.

Por força da (re)organização ou coibição urbana engendrada pelo poder público, via discriminação imposta pelas famílias tradicionais sobralenses, o primeiro “ponto” foi desativado. Pois se fixava numa esquina de um dos bairros mais populosos da cidade e se tornava muito visível tanto para os cidadãos sobralenses como um todo quanto para os visitantes ou turistas de outras localidades. O segundo “ponto” – o da “BR”² – embora alvo de comentários negativos e preconceituosos, ainda continua existindo. A persistência do “ponto da BR” deve-se principalmente à sua localização geográfica estratégica tanto para os “trabalhadores”³ do sexo – visto que seriam pouco incomodados pela população sobralense – quanto para os clientes, resguardando assim seu anonimato frente aos olhares julgadores da cultura. Assim, neste “ponto”, localizado num bairro distante do centro da cidade, a prostituição ficaria invisível de certa maneira para os futuros homens e mulheres “de bem” sobralenses e para os visitantes ou pessoas que quisessem fixar moradia em Sobral.

A demarcação do “ponto da OAB”⁴ por quatro jovens se deu entre os anos de 2005 a 2007. O reconhecimento social do mesmo como espaço de prostituição frente a sociedade sobralense se concretiza no ano de 2008, quando ocorre uma intensificação da frequência de jovens buscando conhecer o cotidiano das praticantes do negócio do sexo e da quantidade de homens à procura de satisfação sexual nesse “ponto” específico.

Entre os anos de 2008 a 2010, iniciei uma aproximação no “ponto”. Realizei incursões esporádicas com a pretensão de observar as dinâmicas gerais do “ponto” e obter confiança e reconhecimento como pesquisador. A inserção no “ponto da OAB” foi facilitada por conhecer anteriormente as três jovens – que “desciam” regularmente: Raquel, Roseane e Taqueshita – quando eram rapazes que jogavam voleibol nas seleções de suas respectivas escolas públicas. Durante as competições e jogos de finais de semana, entre os anos de 1997 a 2006, construímos relações de amizade que foram recuperadas aos poucos desde o começo da etnografia. No início do “ponto”, nem todo final de semana elas “desciam”⁵. Geralmente “faziam ponto” nos finais de semana que tinha festa na cidade ou nas vésperas de feriados nacionais ou locais.

1 Termo usado pelas jovens para se referir aos locais de prostituição. Comumente elas utilizavam a expressão “fazer ponto” como sinônimo de fazer prostituição ou buscar parceiros para sexo casual pago ou não.

2 É o termo utilizado pelas jovens para identificar este “ponto”, porque ele se localiza na BR-222.

3 A palavra trabalho foi enunciada na fala de Raquel e suas “filhas”, embora que Roseane e Virna não descartassem a possibilidade de conseguir algum dinheiro com os “ploques” – termo êmico utilizado para designar “programa” ou negociação sexual do corpo.

4 “Ponto” que era localizado na esquina do prédio da Ordem dos Advogados do Brasil na cidade de Sobral, bairro Campos dos Velhos, avenida do Contorno. Atualmente, as travestis se encontram nas esquinas atrás desse prédio.

5 Termo êmico utilizado pelas jovens que significa ir ao “ponto” “montada” para trabalhar ou “viçar”.

Em 2010, o que mais chamou atenção neste “ponto” foi o aumento do número de jovens⁶ de faixas etárias diferentes, inclusive menores de idade, frequentando o “ponto” em dias específicos da semana. Nas segundas, terças e quartas-feiras frequentavam adolescentes que se vestiam com roupas femininas e outros não. Estes não possuíam vínculo com as “estabelecidas”⁷ do “ponto”. E no restante da semana, as “estabelecidas – “donas do ponto” – determinavam quem poderia “descer”. Por delimitação da pesquisa, a etnografia não foi realizada durante o início da semana quando os jovens que não se “montavam” frequentavam o “ponto” esporadicamente.

De início, imaginava-se que todo/as a/os jovens que estavam no “ponto” se prostituíam. Todavia, como resultado das observações de campo e ao se identificar os motivos das quatro jovens pioneiras da demarcação do “ponto” – tornar-se travesti; procura de sexo casual; experimentar a prostituição – percebeu-se que a dinâmica social característica do “ponto” era complexa e precisaria ser investigada com mais afinco. Surgiram então alguns questionamentos relacionados aos que se “montavam”. Quais seriam as motivações, os sentidos e as justificativas atribuídas por essas frequentadoras ao tentarem se apropriar de determinadas identidades e performances femininas na calada da noite? O “ponto” constituiria numa espécie de “território de iniciação” para as práticas homoeróticas e/ou de prostituição? As jovens objetivavam prostituição, prazer, ou reconhecimento via performatividades de gênero? Enfim como se caracterizaria e se estruturaria as práticas sociais que constituíam este espaço de sociabilidade?

A incursão etnográfica, bem como as entrevistas abertas em profundidade, foram realizadas durante o final de 2010 até 2012. Geralmente as observações de campo no “ponto da OAB” ocorreram nos períodos de sociabilidade entre as “montadas”: sextas e aos sábados principalmente nos horários das 23h até às 3h aproximadamente. E as principais colaboradoras nas entrevistas foram as quatro jovens co-fundadoras do “ponto” que escolheram os seguintes apelidos: Raquel, Virna, Takeshita e Roseane. Entretanto, em 2013, concomitante algumas incursões realizadas no “ponto”, Salete foi entrevistada numa tentativa de elucidação sobre as novas configurações do “ponto da OAB”.

Inicialmente o texto objetiva discutir o processo de “montagem” das frequentadoras do “ponto”. Em seguida, é analisado os rituais de entrada e estabelecimento no “ponto” assim como os sentidos das performances engendradas nas interações sociais do “ponto”. A manipulação identitária de gênero nos processos de interação na esquina da OAB constitui a finalidade do terceiro momento do artigo que finaliza com a elucidação das razões da reconfiguração social do “ponto da OAB”.

O “ponto” das “montagens”

Com o passar dos anos, a frequência de jovens e adolescentes aumenta e a dinâmica de participação deste território particulariza-se. Caracterizado pelas “montagens” e determinado “ensaio” da prostituição de rua, esse “ponto” era

6 A título de diferenciação com as “montadas”, os jovens serão demarcados no masculino para enfatizar que existia um processo ritual de estabelecimento do “ponto” iniciado por homens e que se consolidava na noite com a “montagem” autorizada pelas “estabelecidas”. E a outra demarcação do masculino objetiva ressaltar jovens que eventualmente “desciam” no decorrer da semana no “ponto” e que não se “montavam”. Geralmente “desciam” para “viço”.

7 Denomino de “estabelecidas” nos termos da metáfora analítica de Norbert Elias (2000) as quatro jovens mais assíduas no “ponto” ou co-fundadoras do “ponto”.

atravessado por relações de poder, demarcação espaço-temporal, exigência identitária e aprendizagens de códigos sociogrupais. Tais elementos passaram a ser cruciais nas relações de convivência entre o/as frequentadore/as⁸ do “ponto”.

O termo “montar” era utilizado pelas jovens para designar o processo de construção de uma mulher através do uso de vestimentas consideradas consensualmente femininas. A “montagem” é um termo êmico que encerra o ato de vestir roupas de mulher de forma convincente (BENEDITT, 2005). Entretanto, conforme os relatos, uma boa “montagem” não era o único critério para avaliar se a performance estava adequada, pois muitas jovens “montadas” não sabiam andar de salto alto e continuavam expressando determinados “jeitos de homem” (Raquel/junho/2011)⁹. Nesses relatos a “montagem” se assemelhava a estilos considerados femininos de utilização de roupas, sapatos e maquiagem que fazia/preparava os corpos para as performances femininas durante a noite.

Diante da intensificação das visitas e tentativas de se estabelecer no “ponto da OAB”, as co-fundadoras ou “estabelecidas” passaram a exigir certos rituais de iniciação e atribuição de personagens identitários aceitáveis às neófitas travestis ou às modalidades de “montadas”. Além disso, também controlavam a demarcação do território, principalmente frente a outros jovens ou travestis que almejavam trabalhar naquele espaço. Durante os primeiros dias da semana, alguns jovens não-montados frequentavam o “ponto”. Raquel confirmou que estes buscavam sexo casual. Entretanto, os não-montados que tentavam cobrar pelo sexo não eram reconhecidos pelos clientes os quais geralmente relatavam às “estabelecidas” os episódios ocorridos com esses jovens.

Nas primeiras conversas e observações no “ponto” foram constatadas quatro constantes ou “roteiros”¹⁰ performáticos que eram reproduzidos pelas outsiders¹¹ especialmente porque se relacionavam com os quatro modos de ser, sentir, fazer e estar no “ponto” das quatro primeiras jovens que inicialmente, por pura diversão e/ou busca por sexo, foram constituindo o “ponto”.

Existiam as adolescentes que se identificavam com um tipo de travestilidade e procuravam ser apadrinhadas pela Raquel, objetivando assim a prostituição via transformação do corpo a fim de construir uma mulher. Outras almejavam uma relação sexual casual e se “montavam” como uma determinada mulher sem a preocupação de serem avaliadas por seus clientes e pelas outras “montadas” em “caricatas ou sem estilo”. Elas se identificavam com a Takeshita. Estas jovens que somente procuravam sexo eram de certa forma perseguidas, pois “esses viados vem fazer de graça, por isso que tem bofe¹² vei[velho] que não quer pagar e quando paga é uma mixaria, [...] eu quando noto que o viado quer só fazer isso, eu boto pra correr logo, antes que se acostume”

8 Conforme os relatos, quase todos os finais de semana apareciam na “ponto” jovens e adolescentes – amigos ou conhecidos – de uma das “estabelecidas” para conversar durante a noite.

9 Os nomes das colaboradoras são grafados com a inicial maiúscula e o restante das letras minúsculas para se diferenciar do nome dos autores que são dispostos com base nas regras atuais da ABNT.

10 Baseado na teoria de Gagnon (2006), roteiro é utilizado como sistema de instruções que norteava e guiava a conduta dos jovens de acordo com certa finalidade com as estabelecidas do ponto a fim de conquistar o que eles chamavam de “apadrinhamento”, ou seja, aceitação e apoio por intermédio de aconselhamentos e ajuda no processo de estabelecimento no “ponto”.

11 Denominação conferida aos jovens que pretendiam entrar e se estabelecer no “ponto” a partir de rituais produzidos pelas “estabelecidas”.

12 Termo êmico para designar o homem que tem relações sexuais com as “montadas” ou com qualquer homem na posição sexual de ativo, mas que não é considerado homossexual. Pois compartilha de uma cultura heterossexual – tem gostos, interesses, performances e relacionamentos sociais heterossexuais – e não convive ou não mantém relações de afeto ou amizade com outros homens considerados homossexuais.

(Raquel/junho/2011). Vale enfatizar que mesmo com esses conflitos de interesses e performances, a Raquel relatava que tinha uma “excelente relação de amizade” com a Takeshita.

Também participavam do “ponto” as que faziam uma “montagem” um pouco mais “refinada” do gênero feminino e se preocupavam com algum ganho financeiro e não operavam modificações corpóreas a fim de melhorar sua performance feminina. Estas se identificavam com a frequentadora Roseane. E um último grupo que se identificava com a frequentadora Virna. Neste, percebiam-se incipientes alterações corpóreas com intuito de uma materialização feminina. Entretanto ora buscavam dinheiro ora não cobravam por seus serviços e mesmo com as visíveis modificações do corpo – que aparentemente poderiam conjecturar ser uma tentativa de se tornarem travestis, por exemplo, na percepção de Raquel – a frequentadora Virna e suas apadrinhadas não pretendiam se tornar travestis. Inclusive tinha algumas que eram visivelmente musculosas.

A diversidade reinava neste agrupamento. Algumas jovens que malhavam eram as mais ousadas em suas “montagens”: saias justas, maquiagem refinada e sutiãs a fim de exibir seu corpo sarado, musculoso e sem gordura localizada. Existiam também as que “usava as roupas antigas da irmã” (Virna/maio/2012): saias um pouco longas e blusas que encobriam suas barrigas salientes. A grande maioria das jovens/adolescentes que frequentavam academia buscavam mais o sexo casual e as que operavam modificações por meio de hormônios femininos diziam não fazer sexo sem cobrar.

No processo de identificação com esses quatro “roteiros”, a performance dessas jovens era constantemente avaliada por todas as outras participantes e pelos clientes. Vale ressaltar que a utilização do termo grupos nesta discussão se refere a grupos identitários a fim de operar uma tênue diferenciação entre os frequentadores do “ponto”. Não se trata aqui de encaixar todas as frequentadoras em quatro grupos sociais numa mesma esquina, porque depois de estabelecidas, elas passavam a se relacionar como se não houvesse nenhuma distinção aparente no “ponto”. Embora que no ato do negócio dependendo da finalidade – ganho monetário ou busca por prazer – e nas formas estilísticas de ser e estar no ponto, ocorressem certos conflitos tanto com os clientes quanto entre as recém-apadrinhadas. Assim os arranjos identitários que ora as definiam, corroboram a teorização feita sobre estes arranjos pelo/as teórico/as queer: as identidades são múltiplas, arbitrárias, abertas, fluidas, contestadoras e sumariamente excludentes (MISKOLCI, 2009).

A identidade é concebida nessa discussão a partir das elucidções de Avtar Brah (2006). Ligada as questões de experiência, subjetividade e relações sociais, as identidades são marcadas por múltiplos posicionamentos dos sujeitos. Elas assumem padrões específicos em contextos socioculturais e pessoais específicos com a intenção de estabilizar a “multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade” (BRAH, 2006: 371). Não há identidade fixa ou pré-existente e sim “discursos e matrizes de significados” que funcionam como uma “base de identificação” num determinado contexto cultural, político e econômico (ibid: 372).

A performance é considerada por Erving Goffman (2009:29) como toda atividade individual na presença de observadores que objetiva transmitir impressões. Na presente discussão as impressões objetivadas pelas jovens “montadas” buscavam construir uma “performance de gênero” feminino reconhecível entre elas e para os clientes em potencial. No processo de

“montagem”, as jovens acionariam as “ficções sociais” impostas e geradoras de “estilos corporais” naturalizadas como próprias de um corpo feminino, ou seja, as “performances de gênero” (BENTO, 2006: 92). Destarte, para uma performance ser considerada bem sucedida, a “montagem” era crucial na estética da representação do feminino e também no ato de “passar por” uma mulher engendrado pelas jovens no “ponto”.

Um das primeiras constatações da observação de campo foi a necessidade de fazer uma distinção entre os usos das “montagens” entre as jovens. Aparentemente existiam dois polos de usos por onde as jovens transitavam. No primeiro polo, existia as que se identificavam com uma “identidade travesti” e o quesito de avaliação do uso era o permanecer “montadas sempre” (Raquel/junho/2011). E no segundo polo, as jovens se “montavam” apenas para “descer” sem se preocuparem com determinada estética feminina reconhecida pelas “estabelecidas”: adaptação bem sucedida de roupas, sapatos e maquiagem. Todavia, no trânsito entre os dois polos, as jovens acionavam, rearticulavam ou manipulavam as “performances de gênero” e suas “montagens” por razões e finalidades diferentes.

As identificadas com o segundo polo, poderiam ser relacionadas ao que Tiago Duque (2013) denomina de “passar por”. Pois as identificadas com o primeiro polo reivindicavam ser portadoras de uma representação mais “genuína” do mundo feminino e as do segundo polo eram constantemente acusadas pelo primeiro por serem “péssimas atrizes” em suas “performances de gênero” feminino ou uma espécie de “putaria” no sentido de não se adequarem nem às performances de homem e nem as de mulher (Raquel/junho/2011). Essas jovens chamadas de “putaria” relatavam que não buscavam uma identificação bem sucedida com o gênero feminino e se “montavam” porque essa prática constituía a especificidade do “ponto”.

O “passar por” é elucidado por Duque (2013) em sua tese de doutorado como um ato intencional ou não de pessoas que passam por alguém de ‘outro sexo’. É um regime de visibilidade/reconhecimento. Assim, as jovens do “ponto” que se “passavam por” mulheres evitavam a exclusão e a abjeção. Aproximavam-se das “estabelecidas” e da ordenação espacial do “ponto”: jovens que se “montavam” para se “passar por uma mulher” com a finalidade de se prostituírem ou não.

Para Duque (2013) o reconhecimento em termos de gênero e sexualidade é garantido pela associação de três dimensões: corpo, imagem e o comportamento. Por isso é crucial saber se “montar” quem objetiva “passar por” uma mulher. A “passabilidade” enquanto mulher necessita então de um revestimento do corpo com bolsas, vestidos, joias, sapatos femininos e etc. Mas a roupa só faz sentido como permissora da “passabilidade” “a partir das ações que se tem com o uso dela, o contexto e quem a usa” (ibid:136). Não basta se “montar”. É preciso uma relação de correspondência entre a “montagem” e a “performance de gênero” efetivada. Dito de outra forma, a “passabilidade” é a condição fundamental no sucesso performático tendo como base o gênero feminino reiterado no “ponto”.

No “ponto da OAB” existia um conjunto de rituais de entrada e permanência que era exigido às recém-chegadas que buscavam apadrinhamento com as quatro co-fundadoras do “ponto”. As outsiders conversavam, tateavam e observavam os trânsitos e discursos destas jovens “donas do ponto” no intuito de “entrarem” no “ponto”. Neste sentido, a próxima seção analisa esses rituais e

tenta compreender os ajustes e estratégias das outsiders com relação aos pertencimentos identitários que eram exigidos para se estabelecer no “ponto”.

Rituais do “ponto”

Os rituais constituem ações codificadas que movimentam a memória e ajuda os indivíduos a lidarem com relações sociais “ambivalentes, hierarquia e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (LIGIÉRO, 2012: 49). Embora que os rituais se apresentem publicamente sob o caráter de estabilidade e permanência, eles mudam dependendo das circunstâncias sociais (SCHECHNER, 2012: 84). Neste sentido podemos considerar que os rituais performatizados nos processos de entrada e estabelecimento do “ponto” dentre outras razões ajudam a/os jovens a se relacionarem com as “estabelecidas” e com os clientes num contexto regulado de sociabilidade específica.

Fazer amizade, ter uma boa estética corporal – ou não ser muito gordo/a e/ou musculoso/a – saber se vestir e demonstrar simpatia eram os quesitos imprescindíveis para tentar uma aproximação com as “estabelecidas” do “ponto”. Na esquina da OAB, nem toda tentativa de um/uma outsider com uma “estabelecida” era bem-sucedida e poderia ser até frustrante, como relata Raquel:

Tem bicha feia que quer se montar e descer, mas não tem jeito pra coisa e faz tempo que me atenta pra eu ajudar, não vou ajudar, primeiro porque o viado não se ajuda: é gorda, fica ridícula nas roupas para descer que tem que mostrar o corpo e até hoje tem raiva de mim, e eu ligo [...]” (setembro/2011).

Os primeiros contatos com o “ponto” de um/uma outsider era quase sempre com “a desculpa de perguntar por algum gay que anda aqui ou porque realmente já conhece alguma da gente e quer vir conversar”. Nem sempre essa conversa era bem vinda principalmente se fosse depois das dez da noite que era o horário que começava a aparecer os clientes: “tem bicha que vem conversar besteira e faz até a gente perder cliente, por isso conversou demais, eu debando¹³ logo” (Raquel/setembro/2011).

Dependendo da simpatia do/as “outsiders” e se as “estabelecidas” considerassem que o/a¹⁴ jovem tinha vontade de aprender certos códigos, que não iria atrapalhar os negócios e que não queria só “fazer de gaiata, porque não arranja ninguém pra transar” (Raquel/agosto/2011), o/a outsider passa: a ser apadrinhado/a por um dos grupos; inserido/a nos códigos de convivência do “ponto”; e receber aconselhamentos.

No processo de busca por apadrinhamento pelas “estabelecidas” objetivado pelo/as curioso/as que circundavam o “ponto”, as interações face a face iniciadas pelo/as outsiders eram decisivas. As olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais inseridos pelo/as “outsiders”, intencionalmente ou não, como também pelas “estabelecidas” determinariam o destino social do processo interativo.

¹³ Debandar é um termo êmico que significa “mandar ir embora logo” (Raquel/setembro/2011).

¹⁴ A utilização dos artigos o/a nos termos serve para enfatizar que tanto “montadas” quanto não-montados buscavam apadrinhamento com as “estabelecidas”.

Neste sentido, estes contatos iniciais eram caracterizados pela preservação de uma ‘fachada’ consistente à linha¹⁵ desempenhada pelo/as jovens que estavam participando do encontro social no “ponto”. O/as outsiders tentavam expressar de forma padronizada intencionalmente expressões que se vinculavam as exigências performáticas das “estabelecidas” com as quais interagiam. Entretanto esta manutenção da fachada¹⁶ seria avaliada durante a participação das neófitas em processo de estabelecimento, visto que “a fachada pessoal e a fachada dos outros são construtos da mesma ordem, são as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas” (GOFFMAN, 2011: 14).

Os “sinais externos de orientação e envolvimento” nos termos de Goffman (2011) que poderiam assassinar a fachada ou deixar a/os outsiders com fachada errada ou fora da fachada¹⁷ eram: as olhadelas reprovativas com relação ao figurino que as “estabelecidas” estavam usando; e os gestos, posicionamentos e até enunciados verbais que emitissem reprovação ou ojeriza tanto em relação aos comportamentos exercidos no “ponto” ou fora dele quanto às práticas engendradas durante a interação com os clientes e também no decorrer da relação sexual. Por exemplo, uma das práticas mais criticadas pelas “estabelecidas” era o roubo de clientes por “montadas” que só “desciam” por viço¹⁸. Assim, as jovens neófitas evitavam demonstrar interesse nessas práticas.

No processo de estabelecimento, as recém-iniciadas eram orientadas pelas suas padrinhas, fundamentalmente nas vestimentas, maquiagem, posturas corporais e formas de abordagens junto aos clientes. O grau de exigência pela qualidade e o conteúdo destes aspectos se diferenciavam de acordo com os grupos identitários que representavam as quatro “estabelecidas” do “ponto”: Raquel, Takeshita, Roseane e Virna. O primeiro grupo era o mais exigente nos quatro quesitos ao ponto de desistir facilmente das suas apadrinhadas, principalmente se “tem bicha que quer ser trava, mas não aprende a se vestir, nem se maquiar, além de não saber andar no salto, andando com as pernas abertas e toda torta” (Raquel/agosto/2011). Geralmente essas jovens que não conseguiam, tentavam se identificar com a Takeshita ou Virna.

O grupo da Takeshita não se preocupava com um refinamento das vestimentas. Às vezes nem sapatos femininos usava. Fazia combinações de roupas insuportáveis para o grupo da Raquel, como por exemplo, uma saia que virava mini blusa, um short visivelmente masculino e uma sandália havaiana. Com relação à maquiagem, geralmente utilizava apenas um batom e uma base facial cor da pele. Não se preocupava em performatizar atributos considerados femininos por outras “estabelecidas” como delicadeza, afinação da voz, carinho e sutileza no trato com os clientes. Além disso, eram acusadas de não saberem segurar a bolsa e movimentar a peruca com “naturalidade de mulher”: críticas de Raquel e Roseane. Brincando com o ato de se “passar por” mulher, elas

15 A linha constitui no “padrão de atos verbais e não-verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria” (GOFFMAN, 2011: 13).

16 A fachada “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. (GOFFMAN, 2009: 29).

17 Pessoa com a fachada errada trazem “alguma informação sobre seu valor social que não pode ser integrada mesmo com esforço, com a linha que está sendo mantida por ela”. Pessoa que está fora da fachada- “participa de um contato com os outros sem ter uma linha pronta do tipo que esperamos que participantes de tais situações tenham” (GOFFMAN, 2011: 16).

18 Termo êmico que significava a prática de quem quer apenas transar, satisfazer seus desejos sexuais. De acordo com os depoimentos, alguns jovens fingem frequentar a esquina para fazer programa, mas nunca cobra porque quer apenas satisfazer suas vontades sexuais. Usam a prostituição como desculpa ou “fachada”.

almejavam geralmente prazer sexual – viço – e colocavam em risco constante a imagem do “ponto” como espaço social de prostituição. Pois muitos dos potenciais clientes já se negavam a pagar ou começavam a pagar muito pouco porque essas “montadas” “viçosas” não cobravam.

O grupo da Roseane parecia se enquadrar numa fase transitória para a travestilidade do primeiro grupo no tocante à busca pelo refinamento das vestimentas, maquiagem e aproximações com uma imagem de mulher a ser posta em prática no trato com o cliente. Objetivavam o comércio do corpo e do sexo, entretanto em algumas vezes, o desejo “reinava” e a moeda de troca passava a ser somente a obtenção de prazer. Todavia com o cuidado de que essas fugas do ato comercial não se tornassem repetitivas e comprometessem a representação social do “ponto” como território de prostituição.

O grupo da Virna possuía um posicionamento dentro do “ponto” que escapava às generalizações e aos enquadramentos. Tinha umas meninas que ora se refinavam nas “montagens” se aproximando de Raquel. Outras se caricaturavam se aproximando da Takeshita. O depoimento de Virna parece ser representativo de algumas “montadas” desse grupo:

Às vezes paro e acho legal o que um travesti tá fazendo e aí passo a imitá-lo, depois vejo que não faz sentido aí paro e vou dar uma de boy na festa do motel pra conseguir linha¹⁹, quando volto no ponto me dá vontade de descer, aí me arrumo e me realizo, mas não me passa na cabeça botar peito, tomar hormônio, mesmo que também não quer ficar musculosa porque quero me sentir feminina pros boy (Virna/agosto/2011).

Em relação aos outros grupos, Virna e suas apadrinhadas – grupo numeroso – frequentavam com menor incidência o “ponto”. Desviante, cambiante, sinuoso, transitório e estranho, esse grupo era geralmente constituído por jovens que tinham dificuldade em se estabelecer nos outros grupos. As “montadas” desse grupo conseguiam manipular identidades femininas e suas fachadas de interação junto às “estabelecidas” numa habilidade não observada entre as outras participantes do “ponto”. Visto que a redefinição de seu objeto de desejo e de interesse era intensa e ao mesmo tempo situada no calor dos eventos sociais que participava, elas se capacitaram na prática de constituir e desapegar identidades que conscientemente percebiam ser exigidas e aceitáveis nas variadas interações humanas elencadas no “ponto”.

Identidades de gênero: Entre a manipulação e o reconhecimento

Não é possível separar a construção dos gêneros e das identidades das “interseções políticas e culturais” que tais construções são produzidas e mantidas (BUTLER, 2003, p.20). Investigando as apostas políticas das categorias de identidade entendidas como efeitos de instituições, práticas e discursos cuja origem é múltipla e difusa, a filósofa norte-americana destaca que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (ibid: 25).

A identidade de gênero nem é uma substância e nem mera inscrição cultural. Para ser inteligível, ela deve estar vinculada a uma matriz cultural que exige uma correspondência com o sexo e com as práticas do desejo: sexo=

¹⁹ Termo êmico utilizado entre os jovens para se referir tanto ao processo de busca por parceiros sexuais quanto à prática sexual propriamente dita.

gênero=desejo=sexualidade. Os outros tipos de identidade que não se conformam a esse esquema vinculado a heterossexualidade compulsória²⁰ não podem existir. Os corpos desviantes desse esquema constituem um grupo de não-sujeitos ou abjetos necessários a constituição daqueles que são considerados como sujeitos. A existência das identidades inteligíveis vinculada às abjetas dissemina matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero (BUTLER, 2003: 39).

O gênero verdadeiro é uma fantasia. Ele não pode ser verdadeiro nem falso, mas “somente produzido como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” cuja ilusão de núcleo interno é criada a partir da articulação de atos, gestos e desejos postos em prática e que discursivamente se propõe a regular a sexualidade nos termos de uma heterossexualidade reprodutora (ibid:195). O gênero é um ato performativo e a sua essência – o sexo – também é performativo: a ilusão de substância pré-cultural do sexo que exigiria um gênero correspondente é um efeito de normas culturais repetidas em atos pelos sujeitos. A base da identidade é a repetição estilizada de atos ao longo do tempo. Assim, a identidade permanente é uma construção politicamente tênue de efeito fantasístico (BUTLER, 2003: 201).

As performances de gênero ensaiadas pelas jovens possuem certa legitimação de sua diversidade porque as quatro jovens co-fundadoras do “ponto” já faziam ensaios parecidos. Entretanto há uma matriz cultural de gênero feminino que serve para a construção das “mulheres” que participam do “ponto”. É nesse sentido que a estilização dos corpos femininos engendradas pelas “montadas” é performativa: reiteração/subversão de uma matriz feminina hegemônica no “ponto”, ou seja, da mulher jovem, bem perfumada, sem maquiagem exagerada, vestindo-se bem, fazendo boas combinações de roupas as quais acentuam as curvas de seus corpos e que se movimenta de forma delicada, carinhosa, porém decidida e “cheia de si”.

No ato da “montagem” dessas “mulheres”, as jovens se deparavam com as construções já performatizadas pelas “estabelecidas” para depois negociarem o tipo de “mulher” que materializariam no “ponto”. As “montadas” do “ponto da OAB” manipulavam as identidades femininas definidas pelas “estabelecidas” por ter descoberto o caráter performático, construtivo e fantasístico das mulheres encenadas no “ponto”.

Entre as frequentadoras do “ponto” existia de forma geral uma busca por prazer sexual mesmo que elas sustentassem discursivamente o “ponto” como esquina de negociação do corpo. Entre as apadrinhadas de Roseane e Virna, uma máxima prevalecia: “só cobro se o bofe for feio e se for mais feio ainda, eu aumento o preço” (Roseane/agosto/2011). O diferencial desta esquina era que para obter prazeres algumas jovens se “passavam por” “mulheres”. Tentavam se identificar com alguma das “estabelecidas” para adentrar no “ponto” e ter acesso aos clientes. Mas por que, embora que Takeshita e outras jovens não se preocupassem com uma mínima “passabilidade” feminina, chegando a ser nomeadas como “putaria” ou “palhaça” pelas outras “montadas”, continuavam “descendo” e se “montando” para conseguir um parceiro sexual?

Uma das razões foi encontrada ao se analisar a dinâmica social do “ponto”: não fazia sentido tentar se prostituir sem se “montar”, justamente porque o “ponto” foi constituído socialmente como esquina de prostituição de travestis,

²⁰ Este conceito surge por volta de 1980 com Adrienne Rich – Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Consiste na “existência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade” (COLLING, 2015: 24).

embora que entre as frequentadoras só exista apenas uma que se reconhecia como tal. Em acréscimo, de vez em quando, outras travestis não residentes em Sobral, passavam uma temporada no “ponto”, em paralelo às visitas que faziam aos seus familiares.

Outra razão, implicada na primeira elucidada no parágrafo anterior, é a interdição constante das “estabelecidas”. Elas não aceitavam nem “michê-bicha” nem “michê-gay”: classificações destacadas na obra de Perlongher (1987) para gays efeminados que vendiam o corpo. Entretanto, elas reconheciam que estes michês tentavam “descer” no início da semana e às vezes se aproximavam delas nos finais de semana. A não aceitação se deve ao temor de perder a clientela. Vale destacar que esse temor está relacionado ao fato de que a maioria dos clientes era constituída por gays mais velhos ou como elas chamavam de “mariconas”. Esses clientes não procuravam muito Raquel e suas “filhas”²¹. Procuravam as outras “montadas” e geralmente pagavam, especialmente para serem penetrados. Todas as entrevistadas não gostavam deste tipo de cliente, principalmente as “montadas” que estavam no “ponto” apenas pelo “viço”.

As “montadas” pareciam operar com a seguinte diferenciação no tocante aos clientes: “maricona” ou coroa era aquele que pagava pelos serviços sexuais; e parceiro sexual – homem que satisfazia os seus desejos sexuais, podendo ou não ser dispensado de pagar pela transa. Às vezes, dependendo do dia de trabalho e do cotidiano das jovens, essa distinção se desfazia: “tem dia que não dá ninguém e dou graças a deus ter um caldo²² ou um bofevéi[boje velho] pra pelo menos eu gozar” (Takeshita/maio/2012).

Dos atributos mais importantes na constituição e uso das identidades legitimadas para estarem no “ponto” é a performance tanto no que se refere à postura frente ao cliente quanto às práticas inteligíveis de comportamento durante a convivência de trabalho no “ponto”. Mas entre as “montadas”, as performances femininas acionadas para se estabelecer no “ponto” somente eram legitimadas com a posse de um corpo sensível à encenação das “mulheres” que inicialmente as “estabelecidas” serviam como referência. Ou seja, entre elas, um corpo muito musculoso e másculo, possivelmente “espanta[va] os clientes” (Raquel/agosto/2011). Por isso que algumas “filhas” de Virna eram criticadas: por serem musculosas demais para construir as feminilidades que os clientes estavam acostumados em negociar.

A manipulação identitária dessas feminilidades era tributária de jovens que além de conhecer e preservar suas fachadas de acordo com os espaços sociais que participava, conseguiam, a partir da (re) construção de estilizações adaptáveis àqueles determinados espaços, manipular essas mesmas estilizações. Nisso, as “montadas” conseguiam atingir seus objetivos e, dependendo das interações sociais, por manobras discursivas e/ou performáticas, engendrar mutações nas próprias estilizações das quais elas se valeram para iniciar a entrada e se estabelecer no “ponto”.

Entretanto, as performances utilizadas nos contextos de manipulação de identidades esperadas por determinadas plateias – clientes ou frequentadoras do “ponto” – não eram engendradas por um sujeito centrado, voluntarista e todo poderoso. E sim, por um sujeito efeito de relações de poder. Ou seja, a manipulação se efetivava no interior de contextos performativos: de reiteração/subversão de feminilidades inteligíveis para cada “estabelecida” em

²¹ Termo carinhoso que as “estabelecidas” se referiam as novatas do “ponto”. Tinha o mesmo sentido que o termo apadrinhadas utilizado durante a escrita desse texto.

²² Termo utilizado entre os jovens para designar um homem jovem pobre, que se veste mal e atua nos crimes.

articulação com representações do feminino das outsiders nos seus processos de estabelecimento no “ponto da OAB”.

Os corpos obesos e os musculosos – principalmente as “bichas machudas”²³ – eram excluídos por Raquel e Roseane. Já os corpos excluídos por Takeshita eram aqueles que estavam ingerindo hormônios femininos e aplicando silicones. E a Virna não excluía ninguém.

O corpo materializa um conjunto de poderes culturais de subjetivação como também possibilidades estratégicas subjetivas de resistência/subversão. Assim, a manipulação identitária era exercida pelos corpos excluídos e abjetos de cada grupo para se estabelecer em outros grupos, ao mesmo tempo que percebiam fissuras nas ordenações do “ponto”. Saindo de exclusões anteriores, esses corpos abjetados por alguma “estabelecida”, através de manipulações identitárias, iam tentando ser apadrinhados por outra “estabelecida”. Assim, por exemplo, um corpo musculoso negado de apadrinhamento por Raquel, poderia ser incluído no “ponto” através de Virna ao encenar atributos/posturas/práticas/desejos correspondentes a uma pretensa identidade sustentada por Virna.

Entretanto é importante enfatizar que esses deslocamentos e buscas por estabelecimento de corpos abjetos utilizavam os mesmos rituais que os outros corpos passíveis de inclusão: “se fazer de amiga”; simpatia e capacidade de se “montar”. É na “passabilidade” que os corpos excluídos demonstravam seu poder manipulatório ao se ajustarem às identidades femininas esperadas e consagradas por determinada “estabelecida” que se almejava conseguir apadrinhamento. Assim, se instaurava um jogo performático no “ponto” de manipulação identitária entre processos de reiteração e referenciação com base em performances de gênero esperadas e legítimas do “ponto”.

Outras manipulações identitárias praticadas durante a performance das “montadas” se vinculavam ao relacionamento com os clientes. Dependendo da interação social iniciada, das fachadas que elas percebiam necessárias a utilizar e de seus desejos, certa performance era acionada. Os potenciais clientes ou parceiros sexuais tinham tratamento diferenciado. Aos primeiros, uma mulher objetiva, firme, “abusada” e séria era performatizada geralmente. E mais especificamente, se os clientes fossem “mariconas”. Os possíveis parceiros sexuais eram recepcionados por uma mulher “simpática”, carinhosa e sorridente.

Da negociação do “ploque” ao “viço”, as performances femininas acionadas durante essas manipulações não eram simples encenações de personagens que se trocava dependendo da plateia. Também se constituíam em atos performativos cujos “roteiros” encenados tanto para se estabelecer no “ponto” quanto para se posicionar frente aos clientes eram reiteraões de atos regulados por normas específicas do “ponto” quanto da matriz heterossexual. Ambas, “estabelecidas” e outsiders estavam no processo de performatividade de gênero nos termos de Butler (2003) que permitia as devidas manipulações identitárias ou subversões de gênero nos parâmetros heteronormativos.

A oposição binária – homem ou mulher – constitui a base da regulação heterossexual das generificações. Essa oposição tanto é fundamental para a heterossexualidade compulsória quanto para heteronormatividade²⁴. As

²³ Termo êmico utilizado para nomear um homem levemente efeminado e geralmente musculoso.

²⁴ Este conceito criado por Michael Warner exige que todo/as organizem suas vidas conforme o modelo ‘coerente’ da heterossexualidade. E difere da heterossexualidade compulsória por esta exigir a heterossexualidade das pessoas como

performances das “montadas” entre si e com seus clientes eram governadas pelos binarismos: mulher ou homem; ativo ou passivo; bicha ou boy; cliente ou bofe.

A ditadura heteronormativa governava as relações entre as “montadas” e seus clientes: os negócios e/ou “viços”. Entretanto, havia algumas fissuras, como por exemplo: “teve um dia que dei uma de ativa para um bofe escândalo, foi o melhor programa que tive até hoje é tanto que nem cobre!” (Raquel/abril/2011). Em suma, a correlação binária de sexo/gênero/sexualidade fundante da heteronormatividade está presente nos depoimentos das entrevistadas.

O “bofe” ou boy é o homem que tem “jeito de homem” e que por isso é ativo na relação sexual. As “montadas” são mulheres e por consequência passivas. As fissuras – “montadas” ativas e cliente masculino ou “bofe” passivo – são sempre vistas com desconfiança e escárnio dependendo da performance de gênero do cliente: “Tem ‘bicha-machuda’ que a gente pensa que vai dar e muito quando chega na cama, ela dá uma de passiva e ainda fica gemendo feito mulher, tem vez que paro e mando ela ir embora”. Ou “mesmo quando eu resolvo ficar com uma pintosa²⁵ e ser passiva com ela, perco o tesão quando ela quer me comer sem jeito de homem, gritando ou gemendo como uma passivona [...], às vezes quando não quero parar peço pra ela me comer calada [risos]” (Roseane/junho de 2011). Dito de outra forma, as performances de gênero inteligíveis e binárias são também requisitas durante as relações sexuais.

Em suma, mesmo que o “ponto” se constitua num espaço de manipulação identitária, sexual, do gênero e dos desejos, essas manipulações engendradas são performativas: elas tomam como referência valores/posicionamentos/atos heteronormativos de classificação, legitimação e hierarquização binária dos corpos/gêneros/sexualidades nos contextos de sociabilidade em geral.

O desejo de negociar o corpo e o “viço” se mostraram na etnografia do “ponto da OAB” como agenciados pela heteronormatividade. Ou melhor, nas relações de desejo sexual entre clientes/parceiros sexuais e “montadas”, o binarismo boy/macho/ativo e bicha/ “montada”/passiva deviam ser performatizados para sustentar um enlace de oposição de gênero governante da interação e/ou atração sexual. Nessa relação cliente e “montada”, caracterizada pela manipulação de objetivos, identidades e desejos, a reiteração performática dualista entre homem e mulher inteligíveis e estereotipados tornava-se a razão principal de sustentação ou rompimento de cada interação social em curso.

O “final” do “ponto”

Retornando ao campo no segundo semestre de 2013, percebo uma sociabilidade diferente. O poder público e a população de forma geral tentaram destituir o “ponto da OAB”. Instalaram mais postes de iluminação. Intensificaram as revistas policiais nas jovens seguindo denúncias de que: alguns clientes eram assaltados depois dos programas e que existia comercialização de drogas ilícitas. Além disso, foi construído um buffet na esquina onde era o território da prostituição que, antes era uma residência abandonada. Esse buffet passou a realizar eventos todos os dias, principalmente

único destino. Já na heteronormatividade, todas as orientações sexuais deve organizar suas sociabilidades conforme a matriz heterossexual (COLLING, 2015:24).

²⁵ Termo êmico que designava uma bicha com muitos trejeitos e que gosta de possuir estes trejeitos não se preocupando com a expressão destes nos diversos espaços sociais.

nos finais de semana. Em acréscimo, outro fator de dissolução do “ponto” foram os constantes assaltos às jovens “montadas” por homens que fingiam ser clientes e solicitavam que os programas fossem realizados em alguns “escuros” ali por perto. As quatro co-fundadoras também reclamaram que deixaram muita gente “descer” por que algumas se “faziam de amiga e boazinha da gente” (Takeshita/abril/2013). Neste ínterim, apareceram muitas “noiadas”²⁶ que somente queriam “viçar”. Boa parte das “montadas” que buscavam o “viço” roubavam seus clientes. Em acréscimo, uma delas culpou “uns viadinhos que pensava que aqui era um palco pra se montar e “fazer carão”²⁷ (Raquel/março/2013). Crítica específica de Raquel às “filhas” da Virna, que foram as primeiras a deixarem o “ponto”.

Em resumo, uma das principais razões apontadas pelas co-fundadoras para o esvaziamento do “ponto da OAB” foi a superpopulação e diversificação, principalmente em fins de semana e vésperas de feriado, fugindo do controle das “estabelecidas” iniciadoras do “ponto”. Uma delas narra que teve oportunidade de contabilizar umas doze “montadas”, além das “bichas que inventa que vem conversar com as amigas e na verdade vem ver se dá pra matar o viço sem descer, cortando a linha da gente” (Raquel/março/2013).

Para Raquel – a única que se identificava como travesti – as “bichas” que se “montavam” e faziam “programa” sem cobrar foram desvalorizando o “ponto” como esquina de prostituição e o transformando num lugar de “pegação”²⁸ gay entre “montadas” e não-montados. E quando ela cobrava, os clientes não queriam mais pagar. Esse foi o grande motivo dela ter ir para São Paulo em 2013 e depois para Brasília em 2014, onde faz “programas”.

O “ponto da OAB” localiza-se atualmente em duas esquinas depois do prédio da OAB. De forma geral, durante algumas incursões em 2013 e 2014, não foi observada a singularidade de “montagens” que existia no período de 2008 a 2012. Somente algumas das “filhas” de Raquel – por exemplo, a Salete – de vez em quando aparecem no “ponto” em períodos de intensa movimentação da cidade por causa de feriados prolongados ou durante o carnaval fora de época que ocorre no mês de novembro. Fora esses períodos, as travestis, ficam perambulando em forma de duplas ou grupos buscando territorializar algum espaço da cidade para trabalharem, pois em Sobral no maior ponto consolidado de prostituição de rua – o da ‘BR’ – há grande concorrência entre as travestis mais velhas e mulheres já estabelecidas naquele território.

Salete relata que o “ponto da OAB”, embora sendo frequentado por alguns jovens não-montados de forma esporádica no início da semana, é atualmente frequentado por travestis, principalmente nos finais de semana.

Em suma, o principal fator de desmotivação em relação à frequência no “ponto da OAB” citado pelas neófitas travestis é que “às vezes não dá pra tirar nem o do pão do café da manhã, os bofe vei [bofe velho] não querem mais pagar...”. E por isso essas remanescentes do “ponto” tentaram se ocupar em

²⁶ Termo êmico utilizado por Raquel, Takeshita e Salete para se referir às jovens que começaram a “descer” apenas para “viçar” e noutro dia depois que a fama de “fazer de graça” se espalhava entre os clientes, elas queriam cobrar e ninguém não entendia. Depois de alguns dias, sumia do ponto e eram vistas em igrejas ou em festas de forró se beijando com mulheres.

²⁷ “Fazer carão”, conforme as entrevistas, é uma expressão comumente enunciada no “meio gay” para se referir a pessoas que estão em certos espaços, festas ou eventos apenas para demonstrar a sua idealizada e pretensa beleza facial ou corporal no caso de pessoas que ou malham ou investem muito em modificações em seu rosto seja por via da maquiagem ou por mudanças cirúrgicas.

²⁸ Termo êmico que define as buscas por sexo entre homens em espaços públicos reconhecidos para tal finalidade como também na virtualidade através de sites ou aplicativos com geolocalização tais como scruff, grindr, tinder, hornet e outros.

outras atividades remuneradas. Na maioria das vezes, tem “bicha ou travesti que desce atrás de ‘linha’” (Salete/setembro/2013). O não retorno financeiro também fizeram as participantes Takeshita e Roseane pararem de “descer”. Elas conseguiram um emprego e de vez em quando só “descem” por “viço”.

Inconclusivas

Atualmente o “ponto da OAB” é um território de prostituição de travestis. De acordo com o depoimento de Salete e com base em algumas incursões etnográficas durante o ano de 2015, este “ponto” não pode ser mais caracterizado pela diversificação e manipulação performática de feminilidades acionadas durante os negócios e os “viços” das “montadas” tendo como referência identidades “estabelecidas” que funcionavam como normas localizadas de regulação do gênero feminino. Parece que uma identidade travesti constitui a referência de identificação para jovens que buscam se estabelecer no “ponto”.

Durante o período da etnografia – 2008 a 2012 – o “ponto” funcionava como um território de iniciação tanto para as práticas homoeróticas de jovens e adolescentes quanto para experimentação dos negócios do corpo. Porque na cidade sobralense, na época, não existiam espaços para “pegação” ou deriva homossexual reconhecidos: boates, saunas, bares, ‘cinemão’ e banheiros públicos. Todavia, o que se sustenta atualmente na cidade sobralense como espaços de “pegação”, paquera e sociabilidade homoerótica são festas eletrônicas mensais que ocorrem em suítes de motéis ou clubes sociais divulgadas principalmente através da rede social Facebook.

Da etnografia no “ponto” foi possível fazer as seguintes constatações. A manutenção da fachada é a base da interação social e a identidade é ainda um exímio conceito para se compreender o processo interativo social justamente por que ele encerra um conjunto elaborado de fachadas necessárias tanto para aceitação em encontros face a face quanto para os sujeitos articularem seus objetivos/interesses dentro de normas regulatórias culturais. Sendo assim, as identidades constituem negociações, principalmente de jovens e adolescentes na significação de suas existências grupais e sociais através das possibilidades subversivas das ordenações sociais via manipulação das padronizações culturais de gênero e sexualidade vigentes. Pela capacidade de jovens e adolescentes desvelar o caráter regulador e controlador das normatividades culturais, a manipulação identitária constitui assim numa estratégia de convivência/estabelecimento/subversão nos mais variados espaços sociais.

A ditadura heteronormativa fincada no binarismo estereotipado de gênero regula/controla/permite/sanciona as interações socioafetivas e sexuais entre homens. Pode-se concluir que o desejo sexual entre homens no “ponto” está mais afetado pelo gênero binário oposicional – pelas estilizações estereotipadas de ser homem ou ser mulher performatizadas durante o ato sexual e também antes dele – do que pelas posições –ativo ou passivo – no tocante à práticas sexual. “Posso tá subindo pelas paredes para dar [...], mas se a criatura dê uma de bicha ou desisto de fazer ou se for bonitinha eu como” (Virna/setembro de 2011).

Referências Bibliográficas

BENEDETI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond- Universitária, 2005.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*. Campinas, Unicamp, n. 26, 2006, p. 329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf> . Acesso: 20/06/2016.

COLLING, Leandro. O que perdemos com os preconceitos. In: *Revista cult: dossiê- ditadura heteronormativa*, São Paulo-SP, Editora Briantine, n.202, ano 18, junho, 2015, p.22-25.

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2013.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Trad. Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. Fabio Rodrigues ribeiro da silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Celia Santos raposo. 16. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

LIGIÉRO, Zeca (org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Trad. Augusto rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. In: *Gênero*. Niterói, v.9, n.2, 1. Sem. 2009, p. 171-190.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.